

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO VALE DO TELES PIRES**

ANDRESA CARAVLHO DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O ALUNO, AS TECNOLOGIAS E SUAS
INFLUÊNCIAS NESTE MUNDO DE DESCOBERTAS.**

COLIDER

2010

ANDRESA CARVALHO DASILVA

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O ALUNO, AS TECNOLOGIAS E SUAS
INFLUÊNCIAS NESTE MUNDO DE DESCOBERTAS.**

Artigo apresentado como exigência parcial para
A conclusão do curso de pós-graduação “Inovações
Tecnológicas na Educação” da Universidade do
Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Campos
Universitário Vale do Teles Pires, sob coordenação do
Professor Paulo Vicente.

Orientadora: Egeslaine de Nez

COLIDER

2010

Dedico este trabalho a minha família, ao meu pai a minha mãe, a minha filha e ao meu esposo. Pois não mediram esforços, dando de si todo o amor, compreensão e incentivo, capaz de levar-me com força e perseverança.

A minha orientadora e amiga, Egeslaine de Nez, por adotar-me sem conhecer o meu potencial.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, não apenas neste trabalho, mas em todos os momentos da minha existência, por ter me proporcionado mais esta oportunidade que é parte de minhas realizações.

À orientadora Egeslaine de Nez, pelas palavras carinhosas com que sempre dirigiu-se quando orientou-me, dando-me segurança para prosseguir meu trabalho com tranquilidade.

Agradeço aos meus pais Jalcedi da Veiga Silva e Vanda Carvalho da Silva, a minha filha Hemili Jordana Goulart e ao meu esposo Moacir dos Santos Goulart, por terem acreditado em mim e ter me apoiado nesta caminhada.

Aos professores convidados para a banca que dispuseram de seu tempo para se fazerem presentes e ao mesmo instante trouxeram contribuição para meu crescimento pessoal e meu trabalho enquanto acadêmica.

Aos professores e alunos desta Instituição que de uma forma ou de outra auxiliaram e contribuíram no desenvolvimento deste trabalho.

RESUMO:

Este trabalho visa utilizar e analisar o processo de leitura; buscando subsídios para a formação de leitores capazes de criar seu próprio significado, de reconstruir seus pensamentos através de suas experiências pessoais. Sendo assim este artigo retrata uma ferramenta essencial nesse processo de ensino aprendizagem a tecnologia. A relevância deste artigo é mostrar que a leitura é muito importante para todos, mas principalmente aos adolescentes e jovens e para conseguir êxito neste objetivo é necessária uma aliada forte que são as TICS, pois a intenção é ressaltar também, a importância da leitura em diferentes situações de interação. Sendo que é por meio da leitura que o ser humano age, criando e recriando um mundo que não é fruto de projeções e apresentações individualizadas por meio da língua, mas resultado de práticas sócio-interativas. Daí, afirma-se que a língua é uma atividade constitutiva e criativa. Nesse sentido, elaborou-se, a partir de subsídios bibliográficos sobre a temática, para construir a fundamentação teórica buscando um ambiente de ensino e aprendizagem, aberto e que possibilite a inserção dos discentes no mundo da leitura, utilizando a Internet como ferramenta, versando em torno dos pressupostos: reflexão.

Palavras-chave: Leitura, Formação de leitores, tecnologia;

ABSTRACT

This work aims to use and analyze the reading process, seeking grants for the training of players able to create their own meaning, to reconstruct their thoughts through their personal experiences. So this article shows an essential tool in the process of teaching and learning technology. The relevance of this paper is to show that reading is very important for everyone, but especially to adolescents and youth and to achieve success in this goal requires a strong ally that are ICT, because the intention is also to emphasize the importance of reading in different interaction situations. Since it is through reading that human beings act, creating and recreating a world that is not the result of individual presentations and projections through the language, but the result of social and interactive practices. Hence, it is argued that language is a constitutive activity and creative. In this sense, is, from subsidies bibliography on the topic, to build the theoretical foundation seeking an environment for teaching and learning, open and enabling the integration of students into the world of reading, using the Internet as a tool in dealing around the assumptions: reflection.

Word-key: Reading, Formation of readers, technology;

“A tecnologia não surge da superposição do novo sobre o velho, mas o novo nasce do velho, desse modo o novo trás em si elementos do velho; parte-se de uma estrutura inferior para se alcançar uma superior”. (Freire 1968)

Introdução

Este artigo tem como proposta compreender e analisar a leitura com auxílio da tecnologia, enfatizando as ferramentas necessárias para uma aprendizagem com eficácia, buscando compreender a leitura e seus saberes imprescindíveis nas práticas pedagógicas.

No entanto, a preocupação com métodos atrativos de leitura esteve sempre presente na história da humanidade, entretanto, o conceito de leitura vem se modificando ao longo do tempo. Hoje vivemos em uma sociedade letrada em que a cada dia o indivíduo é desafiado em situações diversas em que é preciso usar a sua competência de leitor, não apenas em textos escritos, mas, sobretudo compreender o mundo que o cerca, ler a própria vida e nela ser protagonista.

A leitura virtual de caixas eletrônicas e da internet é um bom exemplo dessa linguagem utilizada nos tempos modernos, a chamada leitura digital. Portanto, é inquestionável o fato de que o ato da leitura permite ao homem não somente sua inserção, mas também a participação ativa no meio social ao qual está inserido e a escola deve ser este elo entre leitores proficientes e inserção social.

As escolas há alguns anos, vem utilizando computadores e laboratórios de informática como ferramenta aos alunos para que todos tenham acesso às novas maneiras de ler e escrever, isso, no entanto, não é o suficiente. É preciso, antes de tudo, que o professor projete novas formas de ministrar aulas, utilizando sim, essas novas tecnologias, mas também, fazendo com que os alunos possam ter contato com os diversos gêneros textuais, pois isso sim, é fazer com que os alunos entrem nesse universo de leitores e possam realmente se tornar cidadãos conscientes, participativos e sujeitos de sua própria história, que saibam utilizar a linguagem com precisão, comunicar-se com exatidão, sabendo adequar seu discurso a diferentes situações comunicativas, pois segundo Luzia de Maria (2002, p.21).

Ler é ser questionado pelo mundo e por si mesmo, é saber que certas respostas podem ser encontradas na produção escrita, é poder ter acesso

ao escrito, é construir uma resposta que entrelace informações novas àquelas que já se possuía.

Nesse mundo globalizado, o professor tem que ter a capacidade de desenvolver a competência comunicativa dos usuários da língua (falante, escritor/ouvinte, leitor). Ou seja, fazer com que o aluno entenda que ele não realiza somente uma exteriorização do pensamento ou uma transmissão de informação, mas também realiza ações, age e atua sobre o interlocutor em alguma situação de comunicação dentro de um contexto sócio-histórico-ideológico.

Este trabalho não objetiva, portanto, trazer soluções para os questionamentos feitos a cerca de leitura, mesmo porque não é de hoje que a leitura tem sido foco de atenção de pesquisadores e estudiosos. O que se pretende neste trabalho é fazer com que este tema continue em destaque para que realmente se possa ter num futuro bastante próximo uma sociedade leitora, participativa, informada e acima de tudo consciente de seu papel.

Portanto, pretende-se neste artigo demonstrar a importância dos saberes pedagógicos no processo ensino-aprendizagem no âmbito educacional, para que a prática docente seja desenvolvida de forma eficiente alcançando resultados positivos no ato de ler e interpretar.

Contudo, partindo deste pressuposto observa-se que através das TICS (Inovação Tecnológica de informação e Comunicação) os alunos podem viajar na leitura com muita facilidade, pois apenas com alguns clique os mesmos encontram o prazer da leitura em bons livros.

1 LEITURA

A leitura é uma atividade que se realiza individualmente, mas que se insere num contexto social, envolvendo disposições atitudinais e capacidades que vão desde a decodificação do sistema de escrita até a compreensão e a produção de sentido para o texto lido. Abrange, pois, desde capacidades desenvolvidas no processo de alfabetização “stricto sensu” até capacidades que habilitam o aluno à participação ativa nas práticas sociais letradas que contribuem para seu letramento.

Pois signo é o que possibilita interagir com outras pessoas. Ele é índice quando sinaliza o que vai acontecer, pois segundo Passari e Neder (1993).

Pensar o signo apenas como resultado de consciência dos indivíduos sem levar em conta as condições gerais em que foi gerado e na realidade, deixar de percebê-lo como signo ideológico, isto é, que reflete determinada concepção de realidade social que veicula, esconde, articula e organiza os interesses de classe. Além de levar em conta socialmente o signo precisa ser visto como produto cultural.

A compreensão dos textos pela criança é a meta principal do ensino da leitura. Ler com compreensão inclui, além da compreensão linear, a capacidade de fazer inferências. A compreensão linear depende da capacidade de construir um “fio da meada” que unifica e inter-relaciona os conteúdos lidos, compondo um todo coerente. Por exemplo, ao acabar de ler uma narrativa, ser capaz de dizer quem fez o que, como, onde e porquê. Já a capacidade de produzir inferências diz respeito ao “ler nas entrelinhas”, compreender os subentendidos, os não ditos, a realização de operações como associar elementos diversos, presentes no texto ou não estejam explicitadas no texto, pois conforme a teoria de NEDER (1993)

A linguagem é faculdade divina. O homem já nasce com a capacidade de exteriorizar seu pensamento que é gerado no seu psiquismo. De sua capacidade de organizar o pensamento, dependerá de sua leitura. Se o homem não consegue uma organização lógica para seu pensamento dependerá de sua exteriorização. Se o homem não consegue uma organização lógica para seu pensamento sua linguagem esta afetada, isto é desarticulada. Isto significa que se o indivíduo dificilmente consegue articular seu pensamento.

Como a capacidade de compreensão não vem automaticamente, nem plenamente desenvolvida, precisa ser exercida e ampliada em diversas atividades, que podem ser realizadas antes mesmo que as crianças tenham aprendido a decodificar o sistema de escrita com isto baseando-se nesta concepção de leitura, segundo (Halliday, 1974) mostra ao aluno como a língua funciona, mediante a ordenação e aos acréscimos relativos ao uso da língua materna.

Partilhando desse ponto de vista, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 2001, p.69) apresentam uma definição geral de leitura.

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que se sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informações, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferências e verificação, sem as quais não é possível proficiência.

Baseado nessa concepção compreende-se que a leitura de um texto exige muito mais que o reconhecimento de elementos lingüísticos, exige a presença de um sujeito ativo que analise o texto guiado pelos seus objetivos (pois, sempre tem-se uma finalidade ao ler um determinado texto, seja por lazer, busca de informação ou para cumprir uma obrigação/tarefa) e pelo conhecimento prévio e com isso, tecer estratégia de leitura que acabam contribuindo para extrair significado daquilo que se lê.

Contribuindo com as discussões e esclarecimentos sobre leitura, Leffa (1996, p. 10) enfatiza que “a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio”, pois, para a autora, não se lê “apenas a palavra escrita, mas também o próprio mundo que os cerca”. (Ibid, p. 10) assim, entende-se que o sentido de um texto não está nele mesmo, mas sofre influências do conhecimento de mundo do leitor que atribui o significado. Deste modo, na prática de leitura, o leitor não lê letra por letra, mas faz uso de seus conhecimentos prévios, e, à proporção que vai lendo, vai fazendo antecipações e inferências sobre o conteúdo do texto.

Leffa (1996) continua esclarecendo que no ato da leitura, não bastam apenas às contribuições que o leitor exerce sobre o texto e que o texto sugere para

o leitor, é preciso que se considere também um outro aspecto que, segundo o autor, ocorre mediante o encontro entre leitor e texto. Assim, para compreender a ato da leitura deve-se levar em consideração “o papel do leitor, o papel do texto e o processo de interação entre o leitor o texto.” (LEFFA, 1996, p. 16).

Nessa perspectiva, entende-se que a leitura não é simplesmente extração de significados do texto por parte do leitor, é, na verdade, um processo de integração entre ambos, ou seja, é preciso que o leitor tenha a intenção de ler, a capacidade de antecipações e inferência e que o texto, por sua vez, apresente as características e condições necessárias ao leitor. Leffa (1996) faz uso de uma metáfora para explicar melhor o processo de leitura:

O leitor negocia com o comerciante que compra maçãs, não uma a uma, mas em caixas. É muito mais rápido contar as maçãs por caixas, do que abrir as caixas e contar as maçãs uma a uma. Na leitura, se processar cada lado isoladamente, o leitor leva o mesmo tempo para identificar uma letra, uma sílaba ou uma palavra.

Compreende-se, com base nas palavras da autora, que para entender o significado do texto, é necessário ter conhecimento não só das informações prévias daquilo que o texto trata, mas que fazer uso de um conjunto de conhecimentos (informações, conhecimentos lingüísticos, por exemplo) para agir e interagir, simultaneamente, com as informações veiculadas no texto.

De acordo com afirmações de alguns pensadores, a leitura possibilita o desenvolvimento individual e social do indivíduo e através da mesma que se constrói, reconstrói os conceitos relevantes a formação enquanto ser humano. E partindo do princípio de que a atividade de leitura deve ser fator essencial à formação do sujeito, cabe à escola, despertar nos alunos não somente o gosto pela prática de leitura, mas também fazê-los perceber a importância dessa prática não somente no âmbito escolar como também no meio em que estão inseridos, uma vez que é através do nível de leitura (conhecimentos) de cada um, que surgem as oportunidades e neste mundo elitizado e seletivo, terão mais chances aqueles que têm maior capacidade de posicionar-se criticamente, sendo assim.

A leitura remete ao texto a sua rede de significação. O texto remete as idéias, valores, crenças, ideologias, sentimento emoções e afeto. A primeira é um ato de vida, de relações com o mundo, com o outro e consigo mesmo. Daí a atualidade do grande educador Paulo Freire (2000), com sua frase emblemática: a leitura do mundo precede a leitura da palavra. A leitura assim entendida permite um salto (Perroti, 1999, p. 33).

Compreende-se a leitura como um ensino produtivo, capaz de desenvolver as habilidades lingüísticas dos alunos, ampliando sua capacidade de compreender e transformar os textos que lhes são apresentados. É justamente por meio da leitura que acreditamos na possibilidade de o aluno ampliar o mundo ao seu redor, sua capacidade comunicativa seja no campo da expressão na busca de construção do novo, seja por meio da leitura ou da produção de textos.

2. A IMPORTANCIA DO LEITOR

O leitor vem sendo analisado e conceituado não só por meio das chamadas teorias da recepção, como também por outras linhas críticas da atualidade, para as quais não apenas autor e texto, mas esses terceiros elementos formam junto o campo de estudo da crítica, da teoria e da história da literatura.

O leitor e a leitura tornam-se, hoje, objetos de reflexão teórica, até mesmo no interior do próprio texto literário. “Para se ler segundo Possari (1993), “é preciso mais do que critérios, é preciso ler com imaginação e emoção”, é preciso colocar-se como interlocutor definido (ou não) na proposta definido (ou não) no discurso”.

O pólo da leitura, fluido e variável, configura-se como espaço potencial indispensável no processo de compreensão da criação artística de qualquer natureza, quer essa se manifeste como texto verbal ou não. Por meio da leitura dá-se a concretização de sentidos múltiplos, originados em diferentes lugares e tempos. Hoje a noção de texto se amplia: o que antes era considerado dado fixo tornou-se “espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escrituras variadas, das quais nenhuma é original” (BARTHES 1988, p.68-69).

Embora não tenha explicitamente tratado da recepção ou dos efeitos da obra de arte sobre o leitor, Bakhtin, ao desenvolver o conceito de polifonia, chamando a atenção para a dimensão dialógica do texto, apontou para sua pluralidade discursiva, que ultrapassa os limites da estrutura interna da obra, estendendo-se à leitura. A palavra plural, disseminadora de sentidos, requer uma leitura também ela múltipla, não mais regulada pela busca do significado único ou pela verdade interpretativa, mas atenta às diferentes vozes que se cruzam no texto literário.

3 PROCESSO DE LEITURA

A escola de uma forma geral trabalha com diferentes práticas de leitura. Pela sua própria função e especificidade, essas práticas diferem de outras práticas de leitura no campo social, visto que, mais do que uma necessidade social, tem como objetivo explícito a formação de leitores.

Essa especificidade da leitura escolar, entretanto, não a desvincula do campo social mais amplo, pois a leitura só tem sentido como uma prática social, pois é parte de uma cadeia de significados como afirma Bakhtin (1990).

Por um lado, a escola objetiva a formação do sujeito, o que implica todo um leque de intencionalidades para formar leitores em potencial e, por outro lado, tenta resgatar as funções e usos sociais da leitura no cotidiano garantindo a busca do uso da leitura através das inovações que as TICs propiciam, e como um dos instrumentos que norteiam estas práticas são os PCNS ressaltando que.

Há situações didáticas propostas com regularidade de acordo com os PCNS, voltadas para a formação favorável à leitura. Um exemplo desse tipo de atitude é a “Hora de...” (histórias, curiosidades científicas, notícias, etc.). Os alunos escolhem o que desejam ler, levam o material para casa por um tempo e se revezam para fazer a leitura em voz alta, na classe. Dependendo da extensão dos textos e do que demandam em termos de preparo, a atividade pode se realizar semanalmente, por um ou mais alunos de cada vez. Quando for pertinente, pode incluir também uma breve caracterização da obra do autor ou curiosidades sobre sua vida.

Conforme o que diz os PCNS anteriormente, a respeito da leitura e os fundamentos da importância de ler através das posições de Paulo Freire (2005), é a partir dessas teorias, passa-se a ver como é realizado o trabalho de leitura de textos dentro da sala de aula; com o uso de várias ferramentas.

Lembrando que há, também, a apresentação do texto escrito, porém são fundamentos as suas esferas, a relação de sentido, texto, sujeito e língua. Dito isto, fica claro como é aplicado a leitura no ensino básico. Levantado, então, essa perspectiva, tem-se a leitura como campo de estudo no que se refere à leitura dentro da sala de aula ou fora dela.

No entanto, é preciso que seja posto e esclarecido o processo de leitura, em outras palavras, as habilidades que devem ser desenvolvidas antes, durante e depois da leitura a fim de formar leitores eficientes.

Desta forma, as sínteses destes mecanismos presentes no processo de leitura ressaltarão sua eficácia.

3.1 ESTRATÉGIAS DE LEITURA

A leitura de um texto, seja ele escrito, ou seja, oral, tende a ser um ato de comunicação. Onde interlocutores comunicaram-se entre si em situações diárias de interação. Diante disto, parte-se, então, da necessidade de ensinar os leitores a dominarem o ato de ler, todos os tipos de textos em circulação na sociedade. A maior necessidade está em saber que para diferentes eventos existem diferentes tipos de texto. Por exemplo, quando uma criança de sete anos está num ponto de ônibus ao lado de seus pais, naquela avenida passa diversos meios de transporte. Entretanto, nem todos farão o percurso até sua casa. Esta criança sentirá a necessidade de fazer uso do ato de comunicação. Assim, quando ela avistar o próximo veículo em sua direção, o letreiro do ônibus por necessidade precisa fazer sentido. Em outras palavras, o bairro indicado tem que corresponder com o seu endereço, sendo assim.

O enfoque dado ao signo, na perspectiva dessas teorias, leva em conta, portanto, a natureza semiótica do signo que resulta como diz Bakhtin, 1986: de um consenso de indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela quais as formas dos signos são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece.

Portanto, conforme Lauriti (2005) “deve-se trabalhar a leitura e a escrita de forma que sejam desenvolvidas habilidades que favoreçam episódios que fazem parte do contexto real de aprendizagem”. Citando, ainda, Lauriti (2005) “é primordial trabalhar a diversidade de gêneros, de tipos textuais e de suportes textuais dos diferentes contextos sociais”.

Diante de todos os fatos citados, fica nítido a importância da leitura para o bem estar da humanidade, no entanto, mais uma vez entra a tecnologia para auxiliar, já que para se ter uma boa leitura o que vale mesmo é o interesse e a interpretação do mundo que os cerca.

3.2 HABILIDADES QUE DEVEM SER DESENVOLVIDAS ANTES DA LEITURA

Ao iniciar uma leitura podem-se antecipar muitas informações do texto. Para isso, é necessário buscar o conhecimento prévio do aluno/leitor sobre o assunto para que ele levante hipóteses. Outro ponto bem relevante é o suporte (capa, orelha, título, editora...) o qual através das expectativas geradas com a análise deste suporte trará para a leitura uma antecipação e aproximação a respeito do assunto.

Num livro literário, por exemplo, a antecipação do tema ou idéia principal, a partir dos elementos para textuais (Títulos, subtítulos, epigrafe, prefácios) auxilia o leitor a compreender o foco do texto lido inicialmente. Assim, ele se atentará em pontos que marcaram a sua antecipação.

Realizar um levantamento sobre as antecipações da leitura a partir da análise dos índices anteriores (O que se espera ao ler este texto?). Ao final, definir os objetivos de leitura vale ressaltar que o que se pretende é a busca de informações.

Portanto, esses passos servem de auxílio para a introdução do texto a ser lido. Porque do que adianta lançar nas mãos dos alunos textos, independente do gênero, se estes não possuem uma pré-leitura. Bakhtin apud Frigotto (1990) enfatiza que:

[...] compreender não é assimilar os valores tais como estão postos num livro, mas é estabelecer diálogo, através dos quais os interlocutores buscam situar-se num contexto correspondente. É recriar a realidade simbolizada, segundo as referências históricas de cada leitor.

A construção do sentido global do texto tende a ser estabelecida durante a leitura. Visto que, com algumas estratégias de leitura desenvolvidas até o momento será estabelecida uma pré-definição sobre as possibilidades que a leitura leva o leitor.

No entanto, a leitura não é apenas uma decifração dos códigos gráficos. É necessário estabelecer uma relação com o que foi lido e aquilo que foi entendido, Lajolo (1985) assim se posiciona:

Na prática da leitura de textos, há que se considerar, primeiramente, que a leitura é um processo de interlocução entre leitor/autor, mediado pelo texto e, ainda, que o ato de ler não é um decifrar como um jogo de adivinhações o sentido. É a partir de um texto ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono de sua própria vontade, entregar-se a esta leitura ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Num processo de leitura pode-se esperar que o leitor caminhe por conta própria. No entanto, essas habilidades precisam ser desenvolvidas de modo que o leitor seja autônomo na aquisição de sentido, na sua interpretação e entendimento.

Durante a leitura, o leitor poderá fazer a confirmação das antecipações de sentido levantadas antes da leitura do texto. A intenção nessa estratégia serve para auxiliá-lo a entender todas as informações obtidas até ali. O uso apropriado do dicionário ou inferência nos textos lidos é de suma importância, pois implicitamente, todas as práticas escolares de leitura pesquisada visam à formação de um leitor socialmente posicionado, embora apresentem funções prioritárias diferenciadas, e Saussure (1977) enfatiza dizendo que “A língua não é função do sujeito falante: é produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais a premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação”.

Busca de informações complementares em textos de apoio. Esse método ajuda na compreensão do assunto de conhecimento específico, por exemplo. Através da busca de informações em textos complementares também podendo fazer a identificação das pistas lingüísticas que marcam os conceitos, sintetizando o conteúdo. Para isso, uma sugestão dada seria a elaboração de um mapa conceitual usando flechas, símbolos e numeração.

Contudo, a leitura não se resume na decifração dos códigos gráficos. É necessário estabelecer uma relação com a interpretação que o sujeito possui em sua vivência com o que foi lido e aquilo que foi entendido. Silva (1987) enfatiza que:

A compreensão refere-se à potencialidade de ser e de conhecer aquilo que é capaz. Na compreensão está sempre implícita uma possibilidade de interpretação, uma possibilidade de apropriação e de apreensão daquilo que foi compreendido. Compreender é assumir a intenção total, não apenas assumir o que as coisas representam o seu simbolismo, as suas propriedades, mas o modo específico de existir das coisas que se expressam na composição do texto, nas idéias que se desvelam, no pensamento do autor e do texto.

Ao compreender a atividade como um método de construção de significados, percebe-se que a escola tem grande responsabilidade da formação dos alunos, do desenvolvimento, da competência comunicativa dos mesmos, enquanto usuários da língua, de torná-los cidadãos críticos e conscientes do seu papel na sociedade e a leitura é uma atividade de grande importância para a vida de cada um, pois é por meio dela que se adquirem novas aprendizagens que são necessárias para o crescimento do conhecimento e pessoa, enquanto seres inseridos numa sociedade que exige leitores críticos, capazes de compreender o contexto atual que o rodeia, bem como a situação social, seja econômica e política.

Conforme constata Macedo (1985), “o texto é uma unidade de sentido que não se esgota em si mesma. Através dessa unidade é que os interlocutores se encontram, é por ela que se pode agir pela linguagem”.

No entanto, é que em algumas escolas, a prática de leitura ainda é amplamente desenvolvida a partir da influência de modelos tradicionais ou concepções distorcidas sobre leitura. A forma como o professor conduz sua prática docente em sala de aula denota claramente a sua postura e sua própria concepção sobre leitura, isso implica dizer, que o enfoque dado à leitura, a forma que utiliza sua metodologia, tudo isso corresponde em suas atividades, possibilidades e funções na sociedade.

Visto que as várias possibilidades de concepção de leitura na escola se apresentam nas iniciativas de inserir no trabalho outros suportes textuais, reconhecendo que a leitura é ampla e exige outras atividades além daquelas que se apresentam a sistematização.

Sobre este fato, Solé (1996, p.33) discorre:

O problema do ensino de leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceituação do que é leitura, da forma em que é avaliada pelas equipes de professores, do papel que ocupa no Projeto Curricular da escolar, dos meios que se arbitram pra fortalecê-la, naturalmente, das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-la.

Neste sentido, a definição do que seja leitura, é o que vai determinar como esse trabalho é conduzido em sala de aula, ou seja, se o ensino será ou não produtivo e isso vem confirmar que a forma de ensino do professor, está intrinsecamente ligada a sua concepção de leitura, o que implicará ou não no desenvolvimento de leitores proficientes.

Assim, Kleiman (2004) caracteriza que a leitura realizada apenas por meio da decodificação não possibilita que o aluno construa sentidos no texto, pois a leitura como o simples ato de decodificar não permite que o aluno apreenda as significações do texto e, não havendo essa compreensão, o aluno também não será capaz de fazer a paráfrase ou um resumo, já que as informações obtidas do texto são parciais.

Kleiman (2004) ainda salienta que essa concepção de leitura é considerada errônea, embora ainda tenha grande influência nas aulas de língua portuguesa, para ela essa concepção de leitura não modifica a visão do aluno, pois não acontece a compreensão do texto, apenas a decodificação da palavra. Porém, existem outras concepções de leitura entre elas, a utilização da leitura como avaliação, o que também não acrescenta muito na construção do conhecimento. Essa concepção é feita somente para avaliar a capacidade e o nível de leitura do aluno ao ler um texto em voz alta.

A leitura autoritária é outra concepção de leitura apresentada por Kleiman (2004) que consiste numa visão do professor de que há apenas uma leitura, uma interpretação possível para um determinado texto. Essa concepção apesar de não trazerem muito avanço no que se refere à formação de leitores, alcança muitos adeptos, visto que os professores acabam adotando esses métodos nas aulas de língua materna destinada à leitura.

Além disso, compreender que o sentido do texto não é construído isoladamente, palavra por palavra, mas a partir da interação do leitor com o texto e vice versa, ou seja, é um jogo de estratégias que se integram para que a leitura se concretize afirma Vygotsky (1989).

O pensamento e a linguagem é a chave para a compreensão da consciência humana. A linguagem desenvolve papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como uma totalidade. Uma palavra é um microcosmo da consciência.

Segundo esta reflexão, pode-se dizer que as culturas são identificadas e construídas através da leitura e representações sociais dos homens, como forma de categorizar o mundo. Como texto a cultura é necessariamente interpretável e, para que se interprete o outro, é preciso que seja estabelecida relação intersubjetiva. É na possibilidade do diálogo que está o sentido semiótico estabelecido por Geertz

(1986) “à cultura, pois a leitura se restringe as habilidades que precisam de treino constantes constituindo uma característica marcante na vida e no processo escolar do indivíduo de forma gradativa e histórica”.

É preciso, no entanto, por um lado conhecer as práticas, possibilidades e potencialidades de leitura com as quais o educando interage em seu meio social e, por outro lado ampliar as práticas de leitura da escola.

Dessa forma, os alunos poderão reconhecer algumas práticas com as quais tem alguma familiaridade e conhecer aquelas que não fazem parte de seu meio, incluindo a leitura virtual, que é uma prática cada vez mais cotidiana nas sociedades letradas.

Partindo de uma concepção de leitura como produção de sentidos, tendo como fundamento o conhecimento que o leitor tem da linguagem e do mundo, a sistematização de leitura passa a ser parte importante de um processo mais amplo, que envolve as múltiplas possibilidades de leitura produzidas por diferentes sujeitos, com diferentes objetivos e conhecimentos prévios, diante de diferentes tipos de textos em ambientes socioculturais diversificado.

4. A IMPORTANCIA DA TECNOLOGIA NO PROCESSO DE LEITURA

‘ Ao compreender que a escola tem grande responsabilidade e influência na linguagem, percebe-se a responsabilidade na formação dos alunos tanto no seu intelectual como na construção de sua própria identidade. Com isto é necessário que os educadores tenham conhecimento da utilização da tecnologia que tem-se hoje, onde em apenas um clique o aluno tem as informações do mundo em sua frente, e os educadores e mediadores devem conduzir estas informações como uma ferramenta útil no ensino aprendizagem dos mesmos.

Sendo que, os alunos de hoje são multitarefas. Adoram experimentar novos aplicativos, têm facilidade com blogs e lidar com múltiplos links, pulando de site em site, sem se perder. Interagem mais uns com os outros; "acessam-se" mutuamente para depois se conhecer pessoalmente. Esta é uma pequena descrição dos Nativos Digitais, termo que define os nascidos depois dos anos 80. Opondo-se a eles estão os Imigrantes Digitais, outra terminologia recente que engloba as pessoas que não

nasceram na era digital, mas que estão aprendendo a lidar com a tecnologia ou, em alguns casos, até mesmo se recusando a aceitá-la conforme enfatiza PEÑA LOPES apud SALES 2007 SP.

As gerações nascidas nestas últimas décadas cresceram com a internet, videogames, CDs, vídeos celulares, etc. Estas tecnologias já estavam aqui quando eles nasceram e por eles foram incorporadas por naturalidade, da mesma forma o fizeram as gerações anteriores com os carros e TVs. Este fato implica, não somente que esta geração tenha total familiaridade com as tecnologias digitais, “daí as denominações nativas digitais” como também, baseando-se em estudos da neurociência, sua forma de pensar, e mesmo a estrutura física de seu cérebro, é diferente das dos imigrantes digitais, que aprenderam e se formaram num mundo analógico e para os quais o mundo digital supõe um processo de imersão nas tecnologias. (PEÑA –LOPES apud SALES, 2007, S.P.)

No entanto, estas linguagens e informações precisas e imediatas não se encontram apenas em computadores, mas também nos celulares nos quais os adolescentes manuseiam com certa facilidade, tendo ainda mais próximo uma tecnologia eficaz e indispensável em seu cotidiano.

Segundo Marc Prensky, pensador e desenvolvedor de games, o termo Nativo Digitais está sendo estudado as TICS como um fenômeno que pode causar impactos inclusive no mercado de trabalho. Pois o pensador afirma que hoje, essa geração representa 50% da população ativa (pessoas de até 25 anos), mas em 2020, com o crescimento demográfico, eles serão 80% da população.

Para os Nativos Digitais, a tecnologia é algo natural, já que possuem mais plasticidade cerebral diferente dos imigrantes digitais conforme ressalta CARRUSO, (2007).

Os nativos digitais estão começando a ingressar nas organizações e ficam impressionados com o que podem chamar de burocratismo tecnológico. A o invés das pessoas utilizarem as tecnologias e recursos de informação para facilitar o processo de produção e comunicação do conhecimento, utilizam como ferramenta de demarcação de território e para a manutenção de estrutura hierárquica de comando de controle. (CARUSO, 2007, SP)

Contudo através de tantas inovações que as multimídias oferecem hoje, os livros didáticos e para didáticos tornam-se maçantes, monótonos e ultrapassados, portanto, os educadores devem atualizar e deixar de lado este paradigma buscando uma maneira inovadora na qual o discente sinta-se no seu mundo, já que hoje as TICS são nato de cada indivíduo do século XXI.

Com o surgimento da Internet e sua exploração de forma global, criou-se um espaço virtual, por onde circulam fluxos eletrônicos de dados, conhecido como ciberespaço. Este ambiente proporcionou a junção da tecnologia com a sociabilidade, criando uma nova cultura: a cibercultura. Nesse contexto, aparecem os “Nativos Digitais”, conceito criado por Mark Prensky que designa todo aquele que nasceu nesse período e se aproveita de todos os aparatos tecnológicos no seu cotidiano. Conforme Fábio Tagnin:

Os jovens não chegaram a conhecer um mundo sem videogames, e-mail e mensagens instantâneas. Não é preciso ir muito longe para afirmar o que diversos estudos confirmam: que os hábitos dos jovens de hoje são muito diferentes daqueles dos seus pais e professores. Eles vêm sendo chamados de “nativos digitais”, que aderem de maneira transparente e automática às tecnologias emergentes, enquanto os adultos são chamados de “migrantes digitais”, aqueles que precisam adaptar-se - não sem alguma dificuldade - às novas ferramentas e novas formas de fazer as coisas. (TAGNIN, 2008, SP1).

Freire (1984) em relação à concepção da tecnologia, não ficou atado ao passado, mas caminhou com seu tempo e enfatizou: “Faço questão enorme de ser um homem do meu tempo e não um homem exilado dele” (p. 1).

O que está claro para o educador é que os alunos possuem muito mais interesse nas aulas criativas que envolva as tecnologias, atraindo a atenção dos mesmos.

Em relação à leitura e pesquisa é muito mais fácil na linguagem conseguir êxito se a mesma for uma leitura on-line do que em livros, além de estar trabalhando no mundo no qual os educando dominam, para eles é muito mais prazeroso já que a era favorece os glíks da internet, sem falar que os adolescentes e jovens são polivalentes em sua grande maioria, pois conseguem realizar várias atividades ao mesmo tempo em que pesquisam e lêem.

Acontece que a maioria dos professores ainda são “imigrante digital”, termo criado para designar aqueles que não nasceram em meio às novas tecnologias. Esses jovens, ao contrário, seriam os 'nativos digitais', meninos e meninas que lidam desde muito novos com a internet e com dispositivos tecnológicos, assim afirma MONTEIRO, (2009).

Eles são capazes de ouvir música, ver TV, teclar no celular e usar o notebook, tudo ao mesmo tempo. Ou seja, são multitarefa. Adoram experimentar novos aplicativos, tem facilidade com blogs, e lidar com múltiplos links pulando de site em site, sem se perder. Interação mais uns

com os outros; acessam-se mutuamente para depois se conhecer pessoalmente (MONTEIRO, 2009, S.P).

O processo de virtualização, especialmente possibilitado pelas tecnologias digitais, introduziu alterações radicais na forma de conceber o espaço e tempo. Reinventou uma cultura nômade, na qual as interações sociais se reconfiguram, e instauram uma desterritorialização, um espaço de fluxos.

Freire (1968) enfatiza ainda que a tecnologia seja uma das “grandes expressões da criatividade humana” (p. 98), é “a expressão natural do processo criador em que os seres humanos se engajam no momento em que forjam o seu primeiro instrumento com que melhor transformam o mundo” (p 98).

Sendo assim, a tecnologia faz “parte do natural desenvolvimento dos seres humanos” (FREIRE 1968, p. 98), bem como é elemento para afirmação de uma sociedade. Isto indica o avanço de uma sociedade sendo que “o avanço da ciência e da tecnologia não é tarefa de demônios, mas sim a expressão da criatividade humana (p. 98)”.

Freire (1968) ressalta também que: “A tecnologia não surge da superposição do novo sobre o velho, mas o novo nasce do velho, desse modo o novo trás em si elementos do velho; parte-se de uma estrutura inferior para se alcançar uma superior”.

Entretanto, a linguagem observa todos os dados relatados acima que são muito relevantes, e de suma importância para estes adolescentes e jovens. Ainda hoje no país na qual a maioria da população é de classe média baixa, a melhor forma de conseguir ter acesso a um bom livro seja de literatura ou de outra área do conhecimento com menos custo possível é através da leitura on-line onde os mesmos podem usufruir e viajarem no mundo intelectual somando conhecimento para encarar as exigências do mundo.

Isto sim, é fazer com que os alunos adentrem nesse universo de leitores e possam realmente se tornar cidadãos conscientes, participativos e sujeitos de sua própria história, que saibam utilizar a linguagem com precisão, comunicar-se com exatidão, sabendo adequar seu discurso a diferentes situações comunicativas que pode levar os limites extremos as possibilidades da língua. Osakabe (2004) complementa que:

[...] nisso reside sua função maior no quadro do ensino médio: pensada (a literatura) dessa forma, ela pode ser um grande agenciador do

amadurecimento sensível do aluno, proporcionando-lhe um convívio com um domínio cuja principal característica é a liberdade. Daí favorecer-lhe o desenvolvimento de um comportamento mais crítico e menos preconceituoso diante do mundo p.10.

A escola constitui um dos ambientes onde esse contraste é marcante, manifesto nos conflitos diversos operados na mediação do conhecimento no contexto da cultura escolar e na cultura digital. Nesse sentido, propicia condições para relacionar as mídias digitais e suas linguagens com diversas tradições da escrita e do olhar como forma de acessar o que elas conservam e o que elas renovam dessas tradições.

“Essas convergências das mídias implicam também convergência das linguagens. As culturas juvenis são, sem dúvida, as mais próximas dessas novas linguagens que misturam imagens estáticas e em movimento, textos e sequências sonoras, palavras e gráficos formando um sistema integrado composto por um sistema de nós ligados por conexões chamadas hipertexto ou hiperímia. Essa mistura de códigos, plataformas e suportes geram uma linguagem calcada na visualidade e impregnada da fragmentação e da simultaneidade da vivência cotidiana.” (OLIVEIRA, op. citado, p.502).

Um dos maiores especialistas em leitura, dedicado à educação e a formação de novos leitores Paulo Freire (2005) discute, em “A Importância de o Ato de Ler”: no qual se completa, a importância da formação de novos leitores que sejam criadores e autônomos de suas interpretações e capazes de se guiarem através do seu interesse. Contrariando, a utopia de que leitura era uma simples decodificação de códigos e repetição de fonemas.

Em outras palavras, a leitura deve ser feita de forma concreta, ou seja, tenha significado com o real do leitor que deixará de ser objeto da leitura para se tornar o sujeito ativo na construção do significado, seja ele, de caráter explícito ou não. Para isso, deve-se aprender a ler de maneira eficiente para que ambos os leitores/textos/ autores se interliguem em leituras concretas.

Uma leitura concreta, por sua vez, tende a ser uma análise crítica e interpretativa do ato de ler, compreensão esta, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na previsão do que se está lendo. Haja vista, como disse Freire (2005, p.11) “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”.

Por isso, os educadores exercem papel primordial na formação de novos leitores. Leitores estes que são capacitados cada um em sua escala de experiências próprias e únicas. Um ser dominador de uma linguagem oral, praticada com destreza. Pois, cada indivíduo apropria-se de características que os diferenciam um do outro.

Neste contexto está sendo proporcionado um espaço de comunicação que projeta uma comunidade virtual construtivista, em que o desenvolvimento sócio-cognitivo e a construção coletiva do conhecimento são facilitados pela dialógica estabelecida entre o fazer pedagógico (teoria/prática), as TICS e a sociedade do conhecimento.

O ambiente de aprendizagem pela Internet possibilita, por um lado, um equilíbrio entre a aprendizagem pela descoberta e exploração pessoal e, por outro, um apoio sistemático tendo presente as diferenças individuais, as necessidades e motivações dos alunos, professores, participantes e demais usuários da rede.

Portanto, a rede virtual é um poderoso processo de aprendizagem ativa, em que cada agente constrói seu próprio conhecimento, um processo que passa a ser mediado, não apenas por intervenções e apoio adequado dos alunos, professores-mediadores e demais professores participantes, mas também dos recursos disponíveis na Internet.

Inovar e atuar pedagogicamente em um universo de evolução dinamicamente acentuada, originada pelo poder criativo do indivíduo implica uma nova dimensão da educação, em especial da universidade, disponibilizando um professor formador que passa a ser mediador e participante, observando, facilitando e orientando os alunos em formação. Na sua aprendizagem, um aluno em formação busca ser mais ativo e autônomo para assimilar o conhecimento, aprender a se relacionar em grupo, a refletir antes de opinar e evidenciar suas posições em uma discussão, já que a sociedade do conhecimento exige um indivíduo aberto, criativo, crítico, com capacidade de pensar, “aprender a aprender”, trabalhar em grupo e de conhecer o seu potencial intelectual.

As renovadas práticas de formação trazem ao centro do palco o professor e seu papel na construção de si e do seu conhecimento. Para tanto, uma nova tendência é a formação de professores reflexivos, entendendo o professor como intelectual em um processo contínuo de formação de si próprio e de seu conhecimento (Schön, 1992). A esse respeito, Pimenta (2000, p. 31)

esclarece que:

A formação de professores na tendência reflexiva se configura como uma política de valorização do desenvolvimento pessoal-profissional dos professores e das instituições escolares, uma vez que supõe condições de trabalho propiciadoras da formação como contínua dos professores, no local de trabalho, em redes de autoformação, e em parceria com outras instituições de formação. Isso porque trabalhar o conhecimento na dinâmica da sociedade multimídia, da globalização, da multiculturalidade, das transformações nos mercados produtivos, na formação dos alunos, crianças e jovens (...) requer permanente formação, entendida como ressignificação identitária dos professores.

Nesse contexto, as bibliotecas, de qualquer categoria, mas principalmente nas escolas e universidades, vem a algum tempo se preparando para atender a uma demanda crescente de usuários virtuais. Levacov (1997, p. 126) confirma essa realidade ao afirmar que “a biblioteca deixa de ser um tranqüilo depósito de livros para tornar-se ponto focal de pesquisa variada, acessada a qualquer hora por usuários virtuais de vários lugares do mundo”.

Além disso, as numerosas iniciativas de digitalização de acervos de literatura cinzenta e periódicos científicos têm auxiliado no aumento exponencial da busca por textos completos. As bibliotecas, percebendo que a informação está caminhando no sentido de inversão das quantidades de acervo em suporte papel e eletrônico, vêm disponibilizando cada vez mais informações digitais e virtuais. Sendo que as bibliotecas virtuais têm como finalidade apresentar soluções para disponibilizar acervo físico, digital e virtual utilizando o mesmo banco de dados para tratamento técnico da informação.

Pois, segundo Zaher (2004), “oferecer informação e democratizar o acesso a coleções únicas e geograficamente distantes é também um compromisso, valorizando a biblioteca virtual de hoje como esse local privilegiado do saber.”.

Logo, a introdução e expansão das tecnologias da informação nas residências brasileiras fortaleceram o uso da Internet para fins de estudo, podendo-se dizer até mesmo que “virtualizou” a realização de inúmeras atividades que antes eram obrigatoriamente presenciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois das reflexões feitas ao longo deste artigo é possível perceber que discutir leitura e sua importância na prática docente, por essa razão busca levantar reflexão sobre a importância de trabalhar a leitura de várias formas para assim desenvolver a capacidade crítica dos alunos e ao mesmo tempo contribuir para levar a uma mudança de postura, porque sem dúvida nenhuma, a leitura é um processo no qual o leitor realiza um processo ativo de compreensão e interpretação.

Dessa forma, o estudo de caso realizado sobre os saberes da leitura com a utilização das tecnologias foi possível compreender o quanto são úteis no desenvolvimento e compreensão dos discentes, uma vez que, foi constatado que os mesmos são polivalentes e nativos da era digital, conceito criado por Mark Prensky que designa a todo aquele que nasceu neste período e se aproveita de todos os aparatos tecnológicos no seu cotidiano.

Portanto, este trabalho é de grande relevância para que os professores reflitam sobre suas ações, pois os paradigmas precisam ser superados para que consigam os objetivos esperados, que consiste no ensino aprendizagem.

Evidentemente, qualquer pessoa comprometida com a educação logo pensará que compete à escola formar leitores críticos, e esse tem sido efetivamente, o objetivo buscado nas práticas escolares, amparadas pelos discursos dos teóricos da linguagem e pelos documentos oficiais nas últimas décadas.

Formar leitores críticos desenvolvendo o gosto pela leitura, conhecendo as tradições literárias, nos dias de hoje os livros não estão sendo suficiente no mundo contemporâneo, com isso os educadores devem recorrer à tecnologia, já que a mesma é a atração do momento para os nativos da internet. Tais objetivos são, portanto, inquestionáveis e pertinentes.

Veja que a tarefa é bastante difícil, uma vez que a ficção juvenil, que tem sido quase hegemônica no ensino fundamental, ou não suficiente para lançar os jovens no âmbito mais complexo da leitura literária, pois nesses casos a experiência ainda se mantém restrita a obras consagradas pela mídia e também àquelas que oferecem um padrão lingüístico próximo da linguagem cotidiana. O desafio será levar o jovem a leitura de obras diferentes desse padrão lingüístico próximo da linguagem cotidiana.

O desafio é através de diferentes formas de leitura levar os jovens se interessarem por obras de vários contextos, obras estas que tenham valor legitimado como reconhecimento de valor estético, capazes de propiciar uma fruição mais apurada, mediante a qual terá acesso a uma outra forma de conhecimento de si e do mundo.

Toda a leitura feita pelos adolescentes fará do âmbito escolar, além de permitir essa formação do gosto, leva a um conhecimento dos gêneros literários que devem ser considerado como base para a didática da literatura na escola e pode contribuir para o planejamento de atividades de reorientação de leitura, uma vez que a escola não é uma mera extensão da vida pública, mas tem uma especificidade.

Entretanto, parece que a escola tem sistematicamente desconsiderado essas práticas sociais de leitura, produzindo-se nela um fenômeno que contraria seus objetivos mais caros, isto obriga o afastamento e a rejeição do aluno em relação ao texto literário, “um vento à fruição na leitura e a formação do gosto literário, quando não tem representado, pura e simplesmente um desserviço à formação do leitor...” (GERALDI, 1985, p. 138).

Se o objetivo é, pois, motivar para a leitura e criar um saber sobre a literatura e seu mundo intelectual, é preciso considerar a natureza dos textos e propor atividades que não sejam arbitrárias a essa mesma natureza. Grande parte da ficção juvenil nacional e contemporânea, por exemplo, não é a literatura no sentido mais restrito que se utiliza aqui. A vertente predominantemente dessa ficção, que associa amor e suspense, está em geral vincada num espaço e num tempo histórico muito próximo ao aluno, ou seja, o tempo do enunciado, o tempo da enunciação e o tempo da leitura são praticamente os mesmos assim como é em torno do espaço escolar que normalmente se desenrolam as tramas. Respondem a interesses imediatos, pedem um consumo rápido e intenso. O ritmo de produção e de leitura é o da produção em massa, tão rápido e intenso quanto descartável: descobre-se o culpado e encerra-se a questão.

Referências:

BARTHES, R. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 2001.

CARUSO, Fabiano. **Tecnologia da Informação, Microgerenciamento e os Nativos**
<http://fabianocaruso.com/estrategia/tecnologia-da-informacao-microgerenciamento-e-osnativos-digitais/>> Publicado em: 01 ago 2007. (1)

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: São Paulo: Cortez Editora, 2001.

GERALDI, João Wanderlly (org). **O texto na sala de aula**. Cascavel: Ática, 1985.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1989.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura**: teoria e prática. 10ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

LEFFA, V. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sangra – Luzzatto, 1996.

MACEDO, Joana D' arc de Paula. **A cartilha e a produção de textos**. in: Ver. Educação em Mato Grosso, nº 30/85.

MACEDO, Thiago V. R. & LIMOEIRO, Vinícius C. **Nativos digitais: os consumidores do futuro**. Disponível em:
<http://www.gm.org.br/novosite/_upload/_case/16_jobs1.pdf> Acesso em: 09 jun 2009. (1)

MARIA, de Luzia. *Leitura e Colheita: Livros Leitura e formação de leitores*. Petrópolis: Vozes, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 2. ed. São Paulo:

PPOSSARI, Lucia H. V e Neder Maria L. C. **Linguagem – o entorno o Percurso**. V. 1 Cuiabá: EDUFMT, 2001.

RIBEIRO, Antônio Mendes. **Nativos versus Imigrantes Digitais**. Disponível em: < http://nteitaperuna.blogspot.com/2009/02/nativos-versus-imigrantes-digitais_26.html > Publicado em: 26 fev 2009. (1)

SALLES. Miriam. **Nativos e imigrantes digitais: um mito?** Blog sobre Informática Educacional e Meio Ambiente. Disponível em: < <http://miriamsalles.info/wp/?p=373> > Publicado em: 27 nov 2007. (1) (2)

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix. 1969.

SILVA, Lílian Lopes Martin et alii. **O ensino de língua portuguesa**. São Paulo: Atual Editora, 1986.

SOLÉ, L. **Estratégias de leitura**. 6ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Tajra, S. (2001) *Informática na Educação: Novas Ferramentas Pedagógicas para o Professor da Atualidade*. Editora Érica, São Paulo, SP.

VALENTE, José Armando (org.). **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas (SP): UNICAMP/NIED, 1999.

VIGOTSKII; LURIA; LEONTIEV. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988.

ZAHER, Célia. Importância dos conteúdos digitais na formação da cidadania. In: *Simpósio Internacional de Bibliotecas Digitais, 2.*, 2004, Campinas, S